INGOLD, Tim. 2011. *Being alive*: *essays on movement, knowledge and description*. New York: Routledge. 270 pp.

Rafael Antunes Almeida
PPGAS/UNB

Potyguara Alencar dos Santos
PPGAS/UNB

O livro *Being Alive: essays on movement, knowledge and description* (Ingold, 2011), capitulado em dezenove artigos distribuídos em cinco partes, é o resultado compilatório de conferências proferidas pelo autor em diferentes ocasiões. À semelhança do que se avista em outras de suas obras – *The appropriation of nature: essays on human ecology and social relations* (1987), *The perception of environment: essays on livelihood, dwelling and skill* (2000) – estamos diante de uma coletânea que se, por um lado, dispõe de uma unidade conseguida às expensas do trabalho de organização do autor, por outro, deixa entrever que os textos ali reunidos remetem a diferentes fases de sua produção intelectual.

Com base na divisão de conteúdos da obra, a tarefa de resenhá-la demandou dos correntes autores menos a descrição minuciosa dos aportes ensejados nos diferentes capítulos e mais a oferta de notas que sejam capazes de acompanhar, nos seus movimentos, a tessitura argumentativa daquilo que Ingold quis chamar de uma antropologia *na* vida.

Antropologia que, para se fazer, precisa se haver com um jogo de recusas de suposições já devidamente entrincheiradas na prática antropológica, não porque a disciplina fez delas seus motivos principais, mas porque, de alguma maneira, se viu capturada por certas nuances de um pensamento que transforma a produção na execução de um plano, a técnica em tecnologia, o habitar em "construir", as estórias na distinção entre história e História, e as linhas nas quais os seres ocorrem em entidades com fronteiras definidas.

Segundo a conclusão do autor, uma antropologia *na* vida[1] precisa passar ao largo do que nomina de *modelo genealógico*, com seu duplo componente. O primeiro, relativo ao domínio da biologia, que supõe que os organismos[2] são predeterminados pelas informações genéticas neles contidas, a despeito de seu processo de vir a ser no mundo – isto é, o seu processo de *becoming*. O segundo, concernente ao

domínio da cultura, que prevê a instalação de uma programação no organismo sem a qual o seu desenvolvimento não poderia ocorrer. Em ambos, observa Ingold, prevalece a noção de que certas características são instauradas, independentemente do engajamento prático destes seres no mundo, a partir de um processo de transmissão – seja ele genético ou cultural.

Como argumentado pelo autor, o modelo genealógico é largamente dependente de uma ideia hilemórfica de vida. O mesmo supõe a separação entre, por um lado, um tipo de conhecimento categorial, simbólico e fundamentalmente reservado aos animais humanos e, por outro, um domínio prático da existência, reduzido a mero epifenômeno do primeiro, na medida em que este último só pode ser uma atualização de um plano antes conformado. Tal modelo é difundido de maneira absoluta em várias instâncias da vida, figurando desde a descrição do uso de uma ferramenta até a impressão de um plano sobre uma matéria bruta, interferindo como o eixo fundamental de separação entre humanos e animais; recorda-se, aqui, a situação modelar na qual o arquiteto, de forma diferente da abelha, seria aquele que cria uma imagem mental de sua obra antes de construí-la.

No entanto, passar ao largo da noção de plano e substituí-la paulatinamente pelo conceito de processo, parece implicar não apenas a recusa de uma teoria a informar o conhecimento antropológico. Trazer a antropologia de volta à vida, se por certo evita análises atinentes ao domínio das representações simbólicas,[3] também implica a recusa de um tipo de metafísica, que mobilha o mundo com seres e objetos não mutualistas. É que para Ingold parece ser mais razoável não supor de antemão a existência de entidades, a menos que se passe a entendê-las como *hives of activity,* isto é, "colmeias de atividade" (Ingold, 2011:29, tradução nossa). É neste sentido que o autor observa que, não diferentemente de uma pedra, de um leopardo ou de uma begônia, os humanos são ocorrências, isto é, eles são suas estórias. No mundo estoriado de Ingold, não há lugar para uma ontologia das *bounded entities*, assim como tampouco se pode falar em um ambiente: "I conclude that the organism should be understood not as a bounded entity surrounded by an environment but as an unbounded entanglement of lines in fluid space" (Ingold, 2011:64).

Nesta ontologia das "não entidades", os organismos são suas linhas e seus movimentos interativos, eles são aquilo que Ingold trata por *wayfarers.* Contudo, estas linhas, de maneira diversa daquelas da Teoria do Ator Rede (ANT), não conectam. São, sobretudo, como os fios de uma teia de aranha, na medida em que é nelas/através delas/por meio delas, que as faculdades perceptivas se realizam. Nesta metafísica das linhas, na qual são as performatividades e não os atributos substantivamente essenciais às entidades aquilo que conta, não há sentido em se falar em *networks* que conectam pontos. Em um mundo de fluxo perpétuo (Ingold, 2011:72)

os seres não existem em localidades específicas, mas sim em caminhos. Mas como seria possível descrever conformações temporárias, agregados, espaços com alguma resiliência ao eterno ímpeto de fluxo?

A ideia de "nós", de acordo com Ingold, parece designar mal estes movimentos estacionários. Isto porque nesta estética vangoghiana, na qual os entes se definem pela sua ocorrência, reuniões momentâneas não são fronteiras – espaços limítrofes, divisões, separações – mas *meshworks*: emaranhados de linhas, cujo ímpeto principal não é separar, mas misturar.[4] Algo que predica os contatos com a qualidade de propostas instanciais, flexões de sinergias dispersas e informes. As *meshworks* são como flagrantes pouco plausíveis ao intento de descobrir o veio originário ou a finitude dos processos; solvemos as cadeias diacrônicas e nos contentamos com as quase imagens e dobraduras do universo existente. Universo que, a contento da formulação ingoldiana, é congestionado de incompletudes e vazio de entidades definidas. As coisas, por moto próprio e vivacidade compartilhada, se surpreendem acontecendo e se relacionando em mutualidade construtiva.

O problema fundamental, segundo Ingold, reside, portanto, em uma lógica da inversão, que acaba transformando radicalmente nosso entendimento do lugar, do movimento e do conhecimento: "Emplacement becomes enclosure, traveling becomes transport, and ways of knowing become transmitted culture" (Ingold, 2011:146).

A lógica da inversão percebe o espaço como um lugar que deve ser ocupado, retirando, assim, os movimentos a ele associados. O mesmo procedimento se dá em relação às viagens, que passam a ser entendidas como conexões entre pontos, através dos quais os viajantes não se movem, mas são movidos. E no que concerne às maneiras de conhecer, a lógica da inversão apresenta o conhecimento como um tipo de trabalho classificatório, no qual a tarefa consiste em separar aquilo que está reunido. O modo segundo o qual um *wayfarer* conhece dista, no entanto, radicalmente desta imagem: "*Thus stories always, and inevitably, draw together what classifications split apart*" (Ingold, 2011:160).

Como já observamos, em um mundo estoriado os fluxos não existem, eles ocorrem. Por outro lado, na imagem que a lógica da inversão veicula, as coisas correspondem, enquanto as ocorrências se "conectam", na medida em que se ligam a outras estórias. Deste modo, neste tipo de animismo generalizado proposto por Ingold,[5] em que os verbos de ação tomam o lugar dos substantivos, conhecer alguém ou alguma coisa é conhecer a sua estória e conseguir conectá-la à sua própria. Este também parece ser o mandamento fundamental para aquilo que Ingold nomeia de uma antropologia gráfica, que se faz não a partir da descrição de um mundo pré-formado, mas na perpétua conexão com as coisas e as pessoas em seus movimentos de formação.

Notas

1. Ao empregar a preposição "na", em oposição a "da", desejamos denotar o retorno a um certo experimentalismo na prática antropológica, proposto por Ingold no segundo capítulo de sua coletânea.

2. Até este ponto, utilizamos o termo organismo por mera conveniência. Nas linhas que se seguem, esta noção será substituída pelo conceito de *wayfarer*. Vale observar que este conceito já aparece em Ingold (2007).

3. A singularidade humana, observa Ingold, não reside na capacidade de construção de mundos plenos de significado. "In this sense, humans alone are haunted by the specter of the loss of meaning that occurs when action fails. It is not in their construction of meaningful worlds, then, that the singularity of human beings resides, but rather in their occasional glimpses of a world rendered meaningless by its dissociation from action" (Ingold, 2011:81).

4. Outra solução para o mesmo problema: "In a world of fluid process, how can emergent forms be made to last? What makes things stick? Our answer is that it is not because of the inertia of the materials of which they are made that things endure beyond the moment of their emergence, but because of the contrary forces of friction that materials exert on one another when they are ever more tightly interwoven" (Ingold, 2011:218).

5. No que concerne a este ponto, é imperioso observar as diferenças em relação a um modelo "reativo de agência", materializadas nas anotações críticas feitas pelo autor sobre a obra de Bruno Latour e Alfred Gell. Ver os capítulos 5, 7 e 17 da corrente obra.